

Biografia mostra como Fernando Pessoa optou por viver vidas literárias

Por Ricardo Viel — Para o Valor, de Lisboa

Valor, 11/12/2022

Alentado livro de Richard Zenith foi finalista do Pulitzer

Ofélia Queiroz levava semanas planejando o 42º aniversário de Fernando Pessoa, mas no dia 13 de junho de 1930 o namorado desapareceu. Não foi ao local onde costumavam se encontrar e nem telefonou para dar alguma explicação. Preferiu ficar em casa, sozinho; ou melhor, na companhia do mundo que existia dentro da sua cabeça.



Pessoa era também a audiência, o palco e o cenário dos dramas que criava — Foto: Reprodução

Passou uma noite intensa e mágica ao lado dos seus principais heterônimos (Álvaro de Campos, Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Bernardo Soares), recebeu de cada um deles presentes, em forma de versos, e ainda foi visitado por um “comunicador astral”, um espírito

portador de mensagens interpretadas pelo poeta como conselhos para que rompesse com Ofélia, deixasse de pensar em coisas mundanas e se concentrasse na sua obra.

De episódios como esse está feito “Pessoa: uma biografia”, do tradutor e crítico literário Richard Zenith, que chega este mês às livrarias brasileiras com a chancela da Companhia das Letras (1.160 págs., R\$ 199,90). Nascido nos Estados Unidos em 1956, o autor viveu três anos no Brasil, onde aprendeu português e começou a ler Pessoa, antes de desembarcar em Portugal, em 1987, para traduzir canções galego-portuguesas - também traduziu os brasileiros João Cabral de Melo Neto, a quem conheceu (“seco como a sua poesia”), e Carlos Drummond de Andrade.

Nunca mais foi embora da terra de Pessoa, tornou-se um dos principais especialistas na obra do poeta, a quem traduziu, além de organizar vários livros a seu respeito. Em 2007 aceitou o desafio lançado por seu agente literário: escrever uma biografia do escritor português. “Ingenuamente”, calculou que levaria entre dois e três anos na empreitada que se estendeu por mais de dez. Publicado em 2021 em inglês e finalista do prestigiado Prêmio Pulitzer, o livro, que já foi editado em Portugal, está sendo traduzido para o chinês, turco, espanhol e coreano.

Como fazer a biografia de alguém que aparentemente teve uma vida aborrecida, que pouco viajou e cuja existência foi composta muito mais de pensamentos e invenções do que de ações e acontecimentos? E como descobrir a real vivência de um artista que fez do fingimento parte essencial da sua criação?

“A minha maneira de penetrar Pessoa foi ouvi-lo pacientemente, procurei imergir na sua obra literária e nos acontecimentos da sua vida que fui descobrindo, e ouvir, sentir as coisas, sem ideias preconcebidas”, conta o biógrafo ao **Valor**, num fim de tarde em sua casa em Lisboa. Durante o processo de trabalho, Zenith chegou a provar escrever em primeira pessoa, num intuito de se colocar na pele do biografado. “Era como se o espírito de Pessoa, num Além qualquer, estivesse a recordar os 47 anos que passou na Terra. Logo desisti, porque percebi que teria que recorrer a uma boa dose de ficção para contar a história dessa forma.”

O aguardado “Pessoa: uma biografia” preenche uma grande lacuna, já que a biografia de referência do autor de “Mensagem”, escrita pelo crítico João Gaspar Simões, foi publicada em 1950, quando a maioria dos papéis deixados pelo poeta ainda não havia sido estudada ou publicada. Nesse novo retrato, algumas imagens, como a do artista que andava malvestido e bêbado pelas ruas de Lisboa, são desfeitas; outras são reforçadas ou criadas.

Zenith descreve Pessoa como alguém discreto, reservado, elegante, que preferiu viver várias vidas literárias a viver uma vida real - abdicou desta para preencher aquelas. Um homem cheio de misticismo, interessado em quase qualquer tipo de crença e possibilidade de se comunicar com outros planos, que inventou a sua própria religião, suas companhias e o seu império, em constante mudança de opinião (política, estética, ideológica), prodígio em imaginar projetos e com muito dificuldade de concluí-los.

“Em regra geral, ele não abandonava as suas obras meio escritas, elas ficavam interrompidas pelo surgimento contínuo de novas ideias, novos projetos.” A eterna procura pela perfeição explica o fato de o poeta ter deixado tantos textos inéditos ao morrer, teoriza o biógrafo. “A maioria dos escritores é capaz de pôr fim a uma obra mesmo sabendo que tem pequenas falhas ou que podia ser melhor. Pessoa, não.”

Para Zenith, havia ainda outro motivo para a reticência do autor de “Tabacaria” em materializar a sua criação. “Apesar de desprezar aquela grande ânsia de ser publicado e reconhecido, frequente em muitos escritores, Pessoa, ou pelo menos uma parte de Pessoa, também ansiava ser lido e conhecido. Mas publicar era perigoso, um autor inédito pode

sempre sonhar que é um grande gênio, mas quando é publicado o mais provável é que se torne só mais um escritor, sem reconhecimento especial.”

Ao reconstruir a infância do biografado, Zenith joga luz na relação deste com um parente próximo, o tio Cunha, figura fundamental para o surgimento do fenômeno dos heterônimos ao estimular o sobrinho no jogo de invenção de personagens. De certa forma, foi o tio quem apresentou ao futuro escritor o mundo invisível que passaria a ser a sua verdadeira morada.

“Pessoa, enquanto dramaturgo, comparou o seu projeto literário ao de Shakespeare, com a diferença de que as suas personagens, os heterônimos, não se inserem em peças com títulos como ‘Hamlet’ ou ‘Rei Lear’. O palco dos heterônimos é a própria vida do seu criador, Fernando Pessoa, que é também o primeiro e mais atento espectador do drama que cria e encena.”

Além de ser os personagens da sua própria obra, o poeta era também a audiência, o palco e o cenário dos dramas que criava, conclui Zenith: “Ele desejava que houvesse outros espectadores - e hoje em dia tem milhões - mas não precisava de tê-los”.

Outro ponto curioso desenvolvido na biografia é a imagem de um Pessoa avesso aos compromissos: viveu de biscates e nunca quis um emprego fixo, jamais levou a sério a hipótese de se casar com Ofélia (terá morrido virgem, embora tenha escrito poemas de amor hétero e homossexuais). Para o biógrafo, o poeta português verdadeiramente nunca chegou à idade adulta, preferiu continuar o jogo de criança de fingir acreditar no que não existe (Papai Noel, amigos imaginários, fantasmas etc). O mundo real não o interessava, a ideia de amar, de publicar, de viajar, atraía-o mais do que o ato em si. Ou, talvez, como pondera Zenith, ao escrever sobre esses assuntos sentia-se realizado.

A literatura foi a sua grande vida, onde provou de tudo, inventou, e explorou as possibilidades de amar e de ser amado. “Inseparável da sua obra, a vida de Pessoa é, para nós, um exemplo, aliás, são numerosos exemplos, de como podemos existir num mundo que por vezes nos parece alheio, ou quando nós nos sentimos alheios ao mundo.”

Os quatro maiores poetas portugueses do século XX foram um, Fernando Pessoa, anota Zenith, logo no prólogo do livro. Porém, mais do que apresentar essas várias múltiplas criações pessoais, o que o biógrafo faz é uma cartografia dessa “nação chamada Fernando Pessoa”, como definiu Mário de Sá-Carneiro.

“Conceber Pessoa como uma orquestra realça a musicalidade do seu projeto, que seduz não apenas pela sua variedade e multiplicidade, mas sobretudo pela beleza da sua vasta obra literária. Vê-lo como uma nação é reconhecer a maravilhosa capacidade do poeta de criar tudo - amigos, paisagens, religiões e ideologias contrastantes - de modo que era praticamente autossuficiente.”

Zenith recorre ainda a outra metáfora para definir o seu objeto de estudo: “Prefiro pensar Pessoa como um sistema solar, uma galáxia ou um universo, desde que ele não ocupe um ponto definitivo. Nunca podemos dizer: aqui está Pessoa. Ele é um conjunto, um território sem terra, um sistema multifacetado, um todo difícil de captar, mas perfeitamente real”.